Metodologia Histórico-Evangelizadora: O legado do Pe. Elli Benincá para uma pastoral profética

Pe. Rogério L. Zanini ¹

Pe. Elcio A. Cordeiro ²

Resumo: Continuam soprando sobre a missão eclesial da Igreja os ares provenientes do Concílio Vaticano II, cuja tarefa irrenunciável de evangelização “é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176). Atentos aos movimentos do contexto atual, questionamos: Que metodologia é apropriada para fazer ecoar de forma profética a práxis pastoral? Elegemos e propomos, como resposta, a metodologia histórico-evangelizadora (MHE) formulada pelo padre e educador Elli Benincá. Esta metodologia *benincaniana* é fruto da primavera conciliar tendo como elemento motriz o método ver, julgar e agir, interpretada e ressignificada a partir de um projeto de pastoral específico que contempla quatro passos inter-relacionados: observação, registro, sessão de estudo e encaminhamentos. Esta proposta oferece as condições para uma ação pastoral profética, ao acolher como ponto nodal a práxis: ação-teoria-ação, que tem seu fundamento em Cristo: “o Verbo se fez carne e acampou entre nós” (Jo 1,14) e por constituir os sujeitos do processo e não meros destinatários na evangelização. Neste caminho reflexivo, aprofundamos o pensamento e a obra do Padre Elli Benincá, detalhando o seu método de reflexão. Concluímos revelando os ecos teológico-pastorais desta metodologia/práxis profética.

Palavras-chave: Metodologia. Elli Benincá. Pastoral profética.

INTRODUÇÃO

O Papa Francisco está propondo a Igreja em saída missionária como paradigma eclesiológico para a evangelização (EG 24). A eclesiologia que Francisco resgata do Concílio Vaticano II, juntamente com a de Povo de Deus, determina também o estilo da missão da Igreja como “paixão por Jesus e simultaneamente uma paixão pelo seu povo”, como entrada no “coração do povo” (EG 268-270). Em contrapartida, está a preocupação para que a evangelização não caia no mundanismo, mas esteja cimentada na razão de ser da própria Igreja, que é evangelizar, ou seja, “tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG 176).

Se é missão cristã tornar o Reino de Deus presente na história, a questão colocada nesta reflexão é pela metodologia que venha corresponder à realização de uma prática pastoral profética³. A hipótese de trabalho é que o resgate da Metodologia Histórico-Evangelizadora -

1 Doutor em teologia dogmática pela PUC/RS e membro docente da Itepa Faculdades de Passo Fundo/RS.

2 Mestre em educação e membro docente da Itepa Faculdades de Passo Fundo/RS.

3 Tomamos profecia no sentido bíblico teológico. O profeta é alguém que fez uma experiência de Deus e, a partir disso, conhecendo a história, consegue ler a realidade e, por inspiração divina, aponta as injustiças e propõe a realização do Reino de Deus. Um exemplo característico desta opção encontramos em Amós 5,24: “Que o direito corra como a água e a justiça como um rio caudaloso” (5,24).

MHE, desenvolvida pelo Pe. Elli Benincá na Faculdade de Teologia de Passo Fundo/RS, tem uma contribuição relevante para uma pastoral profética. Para fundamentar nossa hipótese, primeiramente são tecidos alguns aspectos da vida e obra do Pe. Elli Benincá. Em seguida são apresentadas suas intuições metodológicas, considerando a observação, o registro, a sessão de estudo e o reencaminhamento. Em terceiro e último lugar busca-se elucidar suas contribuições teológico-metodológicas para uma pastoral profética, na direção do que pede o Papa Francisco.

1 PADRE ELLI BENINCÁ: “SE NÃO TIVER PROJETO EU MORRO!”

Muitas pessoas são lembradas pelo seu brilho de momento, porém, anos depois este brilho se esvai, evaporando-se na esterilidade. Estas pessoas são como sementes plantadas em terreno pedregoso ou pouco fértil. Outras pessoas são como sementes que caem em terreno fértil e se revelam fonte permanente de inspiração. Na imagem do salmista, são “como árvores plantadas junto a riachos, que dão fruto no tempo devido e cujas folhas nunca fenecem” (Sl 1,3). Assim, consideramos a vida e a herança do Padre e Educador Elli Benincá.

Em seu ministério, Jesus dizia: “Se o grão de trigo que cai na terra não morre, fica só. Mas, se morre, produz muito fruto. Quem se apega à sua vida, perde-a; mas quem não faz conta de sua vida neste mundo há de guardá-la para a vida eterna” (Jo 12,24-25). Essas palavras de Jesus identificam e resumem a vida do Pe. Elli Benincá. Pessoa de profunda vivência e testemunho evangélico, colocou em prática em sua vida um abnegado serviço em prol da coletividade. Dedicou a maior parte de sua vida e de seus dias na formação de pessoas, para que a partir do conhecimento, estas alçassem o direito à dignidade humana, da cidadania, e assim se tornassem sujeitos da história, protagonistas... Ele foi um pequeno *grão de trigo* que doou-se inteiramente, não pensando em si, mas na luta incessante pela integridade e integridade de uma vida digna para seus semelhantes, sobretudo dos mais pobres e vulneráveis.

O Pe. Elli Benincá nasceu no município de Severiano de Almeida, norte do RS, em 20/07/1936. Teve uma vida simples e em comunidade, de uma família numerosa de 11 irmãos, tendo estudado nos seminários de Erechim e Viamão/RS. Foi ordenado Presbítero no ano de 1965 e faleceu em 07/02/2020.

Pe. Elli Benincá foi Presbítero da Arquidiocese de Passo Fundo/RS, onde exerceu seu ministério como coordenador de pastoral, vigário paroquial e formador de seminaristas na etapa de Teologia por muitos anos. Na linha da educação atuou como professor e diretor:

Assumi em 1970 a direção do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e, de 1974 a 1985, dirigiu a Faculdade de Educação da Universidade de Passo Fundo. Mestre em Ciências da Religião e Doutor em Educação, padre Elli colaborou na elaboração dos estatutos da atual Itepa Faculdades, trabalhando também como seu primeiro diretor (PRESTES, 2020, s/p).

Sua produção bibliográfica não se mostra extensa, mas existe o reconhecimento do papel de alguém incentivador da produção e das reflexões. O diferencial talvez esteja em sua capacidade de congregiar e motivar as pessoas ao ato de escrever e refletir sobre suas próprias práticas. Em um ambiente hostil a escrita e a pesquisa, segundo Lucídio Bianchetti, Benincá coloca uma questão que está no âmago da concepção benincaniana – quase uma obsessão –, que eu assim traduziria:

Se queres dizer algo, primeiro escreve. Na fala admite-se confusão mental. No escrito, o que queres dizer tem que estar muito claro, tem que se bastar sozinho, pois o autor, tal como advogado de defesa, não poderá estar sempre acompanhando o seu texto para defendê-lo, para esclarecer o leitor a respeito do que 'eu quis dizer'.

Na área da educação demonstrou que é necessário sempre buscar mais, estar no processo de aprender juntos, contemplando a integralidade da pessoa:

Podemos ser superiormente cultos; se nos falta, porém, a profunda integração do pensamento e do sentimento, nossas vidas são incompletas, contraditórias e cheias de temores torturantes; e, enquanto a educação não abranger o sentido integral da vida, bem pouco significará (BENINCÁ, 2000, p. 64).

Nesse sentido, o ato de educar é um constante conhecimento da própria vida. Incontestavelmente conhecido por quem com ele conviveu ou trabalhou como sendo um grande homem, padre engajado, professor intelectual orgânico, diretor exigente.

2 CONCÍLIO VATICANO II: INSPIRAÇÃO METODOLÓGICA

Para desenvolver a MHE, o Pe. Elli Benincá inspirou-se nos princípios do Concílio Vaticano II (1962-1965), acontecimento singular que desafiou a Igreja a assumir uma postura de discípula (DV 1) e a colocar-se aberta ao diálogo com o mundo emergente. As palavras da *Gaudium et Spes* expressam essa posição:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração (GS 1).

Seguindo as contribuições de Benincá e Balbinot, dentre as diversas inspirações que o Concílio fez nascer destacam-se:

1 – A intenção explícita de recolocar o Reino de Deus no foco central da evangelização; 2 – A reconstrução da eclesiologia a partir da

ideia da Igreja Povo de Deus; 3 – O resgate da condição de dignidade e liberdade do povo de Deus e o Sacerdócio comum dos batizados, com especial destaque para a noção de comunidade sacerdotal de estrutura orgânica (BENINCÁ; BALBINOT, 2009, p. 16).

A Conferência de Medellín (1968) significou uma *recepção profética e criativa* do caminho aberto pelo Concílio Vaticano II, tendo a opção pelos pobres e o seguimento a Jesus de Nazaré como exigências irrenunciáveis do Evangelho (Lc 4,16-21).

A opção da Igreja pobre e dos pobres não ganhou a aceitação e primazia como desejava João XXIII, mas foi a partir de Medellín que esta determinação ganhou força profética e se tornou relevante. Na concepção de José O. Beozzo, com o passar do tempo cresceu a consciência de que em Medellín foi lavrada a ata de nascimento da Igreja latino-americana e caribenha, com rosto próprio e protagonismo eclesial (BEOZZO, *Concilium*, p. 124). “Medellín teve diante dos olhos a dramática realidade da América Latina e do Caribe e confrontou-a com o evento e os documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965), desenvolvendo uma recepção conciliar, ao mesmo tempo, fiel e criativa, seletiva e inovadora” (BEOZZO, *Concilium*, p. 125). A questão basilar foi a descoberta da dimensão teológico-cristológica da opção pelos pobres em vista de “escutar o grito dos pobres como interpelação evangélica, comprometer-se com eles e agir para transformar a Igreja e o mundo” (BEOZZO, *Concilium*, p. 125). Esta é a convicção que surge com os Bispos em Medellín: “Não basta refletir, obter maior clareza e falar. É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da palavra, mas tornou-se com dramática urgência, a hora da ação”⁴.

A definição de Medellín é paradigmática e fonte inspiradora de grande relevância na elaboração da proposta metodológica *benincaniana*. Destaque-se que o método *Ver, Julgar e Agir*, herdado da Ação Católica (Joseph Cardijn), também inspirou-se na abertura da Igreja aos dos “sinais dos tempos” (Mt 16,3; GS 4; UR 4; PO 9; AA 14), tendo sido o fio condutor da recepção criativa e profética do Concílio em Medellín. Consigne-se, ainda, que este método proveniente do Concílio, empregado em Medellín e, posteriormente, na elaboração da teologia latino-americana da libertação, foi expressamente proibido em Santo Domingo (1992). Todavia, em Aparecida (2007), os bispos latino-americanos fizeram questão de retomar a herança de Medellín e de justificar sua escolha. “Em continuidade com as Conferências Gerais anteriores do Episcopado Latino-americano, este documento faz uso do método ‘ver, julgar e agir’” (DAp 19).

É no bojo deste movimento que os apelos da realidade, provenientes tanto do campo educacional como pastoral, chamados de *carne e osso*, terão prioridade no método *benincaniano*. Nas palavras do educador e pesquisador Lucídio Bianchetti, Benincá “procurava conectar nossas vivências, como seres situados, em projetos de vir-a-ser, como repetia, buscando o

4 Introdução às Conclusões – Presença da Igreja na atual transformação da América Latina, parágrafo 3, e CELAM, Conclusões de Medellín, Vozes, Petrópolis, 1969, 41.

‘partir da realidade’ – *uma obsessão sua* –, referenciado no método “Ver, Julgar e Agir” da Ação Católica” (*mimeo – grifo nosso*).

A educação, segundo a concepção de Benincá, necessariamente passa pelo crivo da prática. Assim podemos perceber:

Educar significa redimir o homem constantemente de sua acomodação. Libertá-lo de seu paraíso terrestre e jogá-lo sempre em frente. Educar significa redimir e libertar. Redimir-se das quedas e das inautenticidades e libertar-se dos condicionamentos que se constroem em seu redor” (BENINCÁ, 2000, p. 50).

Essa ligação teoria e prática é um processo que vai e vem, observa as contradições e os avanços, estando sempre presente no aprendizado, no qual aluno e professor aprendem juntos. Essa mesma perspectiva de Benincá é compreendida também na ação pastoral, na qual se evangeliza e se é evangelizado.

3 METODOLOGIA HISTÓRICO-EVANGELIZADORA: ITINERÁRIO DA PRÁXIS

A metodologia aqui denominada “histórico-evangelizadora” segue quatro passos: observação, registro, sessão de estudos e reenaminhamentos. Esse procedimento não apenas permite mas requer caminhar de modo participativo. Para isso, a análise e o conhecimento da realidade são requisitos básicos. Nesta esteira, a prática pastoral torna-se também um processo participativo. Diante disso, Benincá afirma que “o planejamento participativo é sempre revolucionário. Será capaz de construir uma nova sociedade, na medida em que cria um novo ser humano” (BENINCÁ, 2008, p. 29).

1 – Observação: Em cada movimento e ação existe uma observação. Subsiste uma eterna relação entre a consciência humana e a observação, uma simbiose que se entrelaça.

A consciência é uma construção das relações que vivemos e, ao mesmo tempo, a central de origem das novas ações, falas, atitudes e comportamentos. Consequentemente, podemos ter acesso a consciência através de ações, falas, atitudes e comportamentos das pessoas. Eis um possível caminho de observação (BENINCÁ; BALBINOT, 2009, p. 78).

Na observação encontram-se os elementos do senso comum. A partir do senso comum, aguçamos a admiração e a curiosidade para superá-lo. Nesta análise, constata-se a existência do processo de evangelização. São elementos necessários: o envolvimento, o diálogo e a participação. “A observação do agente de pastoral deve, pois levar em conta tanto o comportamento da comunidade como o seu próprio comportamento. Neste caso, o agente é o observador de sua própria ação, enquanto em relação com o outro agente, a comunidade” (BENINCÁ, 1994, p. 42).

2 – *Registro*: Registrar o que se observou, a fim de ter em mãos instrumentos e dados concretos. A partir do registro é possível analisar e refletir, e se for o caso transformar/interferir na realidade. “A prática registrada é o ponto de partida para a reflexão. Serve, além disso, de referência para as futuras gerações” (BENINCÁ, BALBINOT, 2009, p. 81).

O registro, em forma de texto escrito, é uma forma metodológica na qual fica gravado, como referência para a reflexão que vai incidir e transformar a ação. “Para que o registro possa ajudar no posterior trabalho de sistematização, a observação deve focar o objeto a ser observado, que na pastoral é a relação agente X comunidade X contexto” (BENINCÁ, 1994, p. 47). Um tripé que sustenta o processo.

3 – *Sessão de estudos*: É o momento em que o grupo de agentes partilha e analisa os registros das experiências pastorais que tiveram no contato com a realidade. Dialogam e refletem à luz da Palavra de Deus e da Tradição eclesial. Esse processo tem o propósito de iluminar e inspirar a ação. “A sessão de estudos pode ser feita também junto com pessoas da comunidade, desde que tenham uma prática pastoral e condições de observar a sua experiência” (BENINCÁ, 1994, p. 48).

4 – *Reencaminhamentos*: O quarto passo remete novamente à prática, pois a razão de ser do processo é qualificar a ação evangelizadora. Depois de analisados os procedimentos, o reenvio para a prática reinsere novamente o agente em sua realidade para modificar-se e qualificar a ação em vista de uma eficácia evangelizadora maior. “É aqui que o agente – ou as agentes – projetam as metas e as atividades, seguindo as orientações oriundas da reflexão” (BENINCÁ, BALBINOT, 2009, p. 87). Das várias formas de encaminhar as atividades, podemos elencar as de: planejamento, assembleia, planos de ação, novas observações...

O relato de Lc 24,13-35, conhecido como o texto dos discípulos de Emaús, inspira esse processo, pois apresenta Jesus caminhando e dialogando com os dois, ajudando-os a abrirem os olhos para a realidade mais profunda que os envolvia e a refazerem a opção pela proposta do Reino.

Se observarmos atentamente o texto, perceberemos que lá estão os quatro passos do processo da metodologia histórico evangelizadora. Jesus realiza um processo de observação, depois faz uma memória histórica, em seguida propõe critérios de reflexão e celebra para, enfim, os próprios discípulos decidirem reencaminhar-se para Jerusalém (BENINCÁ; BALBINOT, 2009, p. 87).

4 ECOS PASTORAIS PROFÉTICOS NO MÉTODO BENINCANIANO

A metodologia histórico-evangelizadora é portadora de uma mística, encontrando-se nela a própria espiritualidade do agente/evangelizador. Conforme a perspectiva de Pe. Elli Benincá, o método não se restringe meramente a uma técnica como dinamizar as atividades pastorais ou mesmo pedagógicas, pois a transcende, sendo uma fonte de espiritualidade.

O método revela-se e está em consonância a uma espiritualidade que orienta o processo da evangelização e, conseqüentemente, produz uma eclesiologia de comunhão e participação.

A novidade proposta pela MHE situa-se numa perspectiva eclesiológica de comunhão e participação, oferecendo as bases para uma ação evangelizadora que parte da ação eclesial, não se desliga no seu percurso e a mantém sempre em relação. Desta forma, a inserção na vida da comunidade não é somente um bom ponto de partida, mas condição que sustenta seu caminho. Em outras palavras, é ponto de partida, acompanha o processo de reflexão e se torna critério para o reenaminhamento à **prática** pastoral, agora refletida e enriquecida sempre em processo de conversão.

Segundo o Pe. Ivanir Rodighero,

nela afirma que a prática é portadora de um conhecimento que a orienta e, simultaneamente, pode servir de ponto de partida para novos conhecimentos. Isto acontece quando a prática for analisada tendo presente os sujeitos que estão em relação. Isto é denominado de práxis, ação-reflexão-ação (*Relatório*, p. 96).

O principal pressuposto e ponto de partida deste projeto metodológico são as pessoas presentes na ação pastoral, compreendidas a partir de suas práticas e da graça de Deus, que atua na força do Espírito de Jesus crucificado-ressuscitado, inseridas no contexto sócio-histórico-cultural. Trata-se de um círculo hermenêutico, onde interagem o agente, a comunidade e o contexto, iluminados pela graça de Deus. Segundo o Pe. Elli Benincá, a “práxis opera a transformação, na medida em que gera condições, para que esses indivíduos teorizem sua prática e produzam os conhecimentos pedagógicos necessários para modificarem a si mesmos e ao contexto que os reproduz”⁵.

Segundo o professor Eldon Henrique Mühl, Benincá compreende a educação como “teoria crítica que reflete a própria prática”. Para Benincá, no entanto, no campo pastoral, “a ação pastoral ultrapassa o mero domínio pedagógico da relação agente – comunidades – contexto”. Quer dizer, “além de ser um ato pedagógico, a dimensão pastoral amplia as relações sujeito – comunidades – contexto e introduz um novo elemento que é a graça, dom gratuito de Deus” (BENINCÁ, 1994, p. 16). Segundo Benincá, a evangelização é uma ação que implica uma reflexão ou uma prática guiada por uma teoria, que a reflete, cujo processo segue o caminho da observação, do registro, sessão de estudo e reenaminhamento, necessariamente, permeado pela graça de Deus.

Entre as contribuições se destacam a perspectiva da inserção da pessoa no ambiente eclesial. Se como bem esclareceu o Concílio Vaticano II a respeito da necessidade da comunidade para a salvação cristã (GS 32), da mesma forma a comunidade se torna critério para a atividade teológica. Uma teologia inserida na vida do povo não é ingênua e nem se conforma com a sociedade dividida entre ricos e pobres e seus abismos tão evidentes. Por isso, além

5 As origens do planejamento participativo no Brasil; *Revista de educação AEC*, n. 96, p. 17.

de inserida na vida das comunidades, busca responder à pergunta: A serviço de quem está o fazer teológico? Dos 20% mais ricos ou dos 80% mais pobres? Para Brighenti, a pastoral refletida na realidade “dá o que pensar”, uma vez que os contextos movedições empurram para compreender sempre de novo a realidade em mutação e com novos cenários sociais-políticos-culturais e religiosos. É fruto deste contexto e de uma teologia na ação evangelizadora que a pastoral dá o que pensar. “É que a ação dá o que pensar, uma vez que não se constitui em um mero lugar de aterrissagem de uma ortodoxia previamente estabelecida, mas fonte criadora de ideias – um verdadeiro *locustheologicus*” (BRIGHENTI, 2006, p. 61).

CONCLUSÃO

A reflexão versou sobre a vida e o legado do Pe. e educador Elli Benincá, mais propriamente sua proposta metodológica. Defendemos a tese de uma metodologia profética, porque se fixa no caminho aberto pelo Concílio Vaticano II e nas Conferências latino-americanas e caribenhas, destaque a Medellín. A novidade apresentada por Benincá está em formular um método que contemple quatro passos inter-relacionados: observação, registro, sessão de estudo e reencaminhamentos. Esta proposta oferece as condições para uma ação pastoral profética, ao acolher como ponto nodal a práxis: ação-teoria-ação, que tem seu fundamento em Cristo: “o Verbo se fez carne e acampou entre nós” (Jo 1,14) e, desta forma, possibilite uma prática pastoral, na qual as pessoas atuam como sujeitos e protagonistas do processo de evangelização.

Outra dimensão profética está no testemunho de Benincá. Na fidelidade e simplicidade evangélica, conseguiu unir o ser testemunha e mestre, condizendo com o que acreditava o Papa Paulo VI como elemento fundamental da evangelização. “O homem [ser humano] contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, (...), ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas” (EN 41).

Este testemunho torna Benincá uma pessoa extraordinária, pessoa ‘comuns como indivíduos’, mas ‘extraordinária’ como agente protagonista de uma práxis coletiva. São expressões disso sua postura, seu compromisso ético-político e sua liberdade de gestar e desafiar ao novo.

A Metodologia Histórica Evangelizadora se desenvolve pelos passos: observação, registro, sessão de estudo e reencaminhamentos. Este itinerário é em si uma postura profética diante da realidade virtual, individualista e capitalista que marca o século XXI. A rapidez com que acontece os fatos, a interação virtual das notícias e o mérito pela acumulação dos bens materiais são referências na sociedade atual. Apresentar-se com um modelo de ação comunitário e participativo que segue um caminho que exige paciência, escuta e diálogo na busca de soluções coletivas é colocar-se na contramão do mundo como voz profética.

Enfim, o Pe. Elli Benincá construiu uma Metodologia que é capaz de abraçar a teoria e a prática, respeitando a historicidade dos acontecimentos e demonstrando o valor do diálogo

alicerçado em expressões coletivas. Traçou um modelo, um estilo de ser, que traz em seu bojo os ensinamentos de Jesus Cristo, os quais, já nasceram proféticos e causam transformação.

REFERÊNCIAS

BENINCÁ, Elli. Em busca das raízes da Metodologia Histórico Evangelizadora. In: REIS, Ari dos; MEZADRI, Neri; BALBINOT, Rodinei; (et al) (orgs). *Metodologia da ação evangelizadora: uma experiência no fazer teológico pastoral*. Passo Fundo: Berthier, 2008. p. 9-31.

BENINCÁ, Elli. Metodologia Pastoral. In: *Cadernos de Formação* – Nº 2. Passo Fundo: Urbano José Allgayer, 1994. p. 11-58.

BENINCÁ, Elli; BALBINOT, Rodinei. *Metodologia Pastoral*. Mística do discípulo missionário. 1 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. São Paulo: Paulinas; Siquem, 2006

BRIGHENTI, Agenor. Igreja, teologia e magistério na América Latina: Confrontos desnecessários e tensões inevitáveis. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, n. 345, 2012/2. p. 39-51.

PRESTES, Aline. *Morre aos 83 anos Padre Elli Benincá*. 2020. Disponível em: <https://diariodamanha.com/noticia>. Acesso em: 02/05/2021.